

ESTÁ QUASE NA HORA DE VOLTARES A SER TU

MARCO MENDONÇA

Um actor está numa Camara Gesell, onde existe uma mesa e uma cadeira. O actor está sentado. À sua frente, um computador aberto, emite uma luz branca. Na mesa está também uma caneca com um desenho. Dentro da caneca, uma bebida à escolha do actor.

O actor escreve, e enquanto escreve, lê. Nota: não precisa de estar mesmo a escrever o texto da peça, desde que consiga mimar a acção de forma credível.

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Boa noite. Obrigado por estarem aí, desse lado. Vou pedir-vos que imaginem algo simples. Um autor. Um autor sentado a uma mesa. Mesa de jardim, mesa de escritório, mesa de cozinha, tanto faz. Nessa mesa está um computador. Por razões estéticas, o computador não pode estar ligado a uma corrente elétrica. Não existem cabos à vista. Imaginem apenas uma mesa e um computador. O autor está a olhar para o ecrã que emite uma luz branca. A sua expressão não é de tédio, nem de preguiça, nem de entusiasmo. Está à espera, apenas. Pensa em maneiras de começar. Procura sinais do seu subconsciente que lhe façam vibrar as pontas dos dedos. Passeia pelas ruas da sua imaginação, tentando encontrar o detalhe insignificante que servirá de impulso a uma escrita decidida. Sente as ideias chegar e desaparecer como a chama de um fósforo numa noite ventosa.

(Alguém bate à porta da sala de interrogatório. O actor pára de escrever e espera, em silêncio, que alguém entre ou que acuse a sua presença do outro lado. Espera. Não tem pressa).

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Ouve-se o som da campainha. O autor assusta-se e detém-se imóvel por uns segundos. Levanta-se e dirige-se à porta. “Quem é?”, pergunta. Ninguém responde. “Quem é?”, pergunta novamente. Novamente, ninguém responde. O autor abre a porta. Rapidamente percebe o porquê de ninguém ter respondido. Fecha a porta e pensa, enquanto volta para a mesa, “devem ser os filhos dos vizinhos.” Já sentado, decide dar um gole no seu chá, ou no seu café, ou na sua água. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. Começa a escrever. Primeiro, escreve uma didascália. Está a escrever uma peça de teatro. Descreve o cenário: Um actor está sozinho numa sala. O público consegue vê-lo, mas ele não consegue ver o público. Tem de haver uma separação física entre o actor e os espectadores. Uma parede com vidro espelhado do

lado do actor e translúcido do lado do público. Há também uma mesa e uma cadeira, onde o actor está sentado. À sua frente está um computador aberto, não importa a marca, desde que seja portátil, a emitir uma luz branca sobre o seu busto. Na mesa está também uma caneca com um desenho. Dentro da caneca está uma bebida à escolha do actor. Talvez um chá, ou um café, ou água. O actor escreve, e à medida que escreve, lê. Nota para o encenador: o actor não precisa de estar mesmo a escrever o texto da peça durante o espectáculo. Basta que pareça credível ao mimar essa mesma acção. Segunda nota para o encenador: o actor não precisa de ter o texto decorado, pois visto que a sua personagem vai estar a ler o que escreve, basta que mime apenas a escrita e não a leitura. É importante que o actor leia bem, mas é ainda mais importante que não dê a entender que o texto que está a ler já estava escrito. Terceira nota para o encenador: Caso o actor decida armar-se em forte e decorar o texto, terá também de o escrever em tempo real, para que a leitura pareça o mais virgem possível. Há actores que gostam desse tipo de desafios. Ver um actor ou uma actriz em cena a fingir que lê algo pela primeira vez é das coisas mais tristes a que se pode assistir. Fingir que se escreve até dá, mas também requer trabalho. É importante que o actor não seja preguiçoso. Nota final para o encenador: o actor não pode mesmo ver o público. É importante que se sinta sozinho. Já o público irá vê-lo sempre. O actor escreve, e à medida que escreve, lê: Boa noite. Obrigado por estarem aí desse lado. Vou pedir-vos que imaginem algo simples. Um autor. Um autor sentado a uma mesa. Nota para o actor, a enumeração das possibilidades de espaço físico onde o autor se encontra é muito importante, para que cada espectador decida onde o quer imaginar. Mesa de jardim, mesa de escritório, mesa de cozinha... uma mesa qualquer. Nessa mesa está um computador. A marca do computador não importa desde que seja portátil e que a sua bateria aguente por tempo razoável. Trinta minutos, digamos. Por razões estéticas, o computador não pode estar ligado à corrente. Não existem cabos à vista. Imaginem apenas uma mesa e um computador. O autor está imóvel a olhar para o ecrã que emite uma luz branca. A sua expressão não é de tédio nem de preguiça nem de entusiasmo. Está à espera apenas. Pensa em maneiras de começar. Procura sinais do seu subconsciente que lhe façam vibrar as pontas dos dedos. Olha à sua volta. Observa as árvores do jardim, as paredes do escritório banhadas de livros, os azulejos da cozinha. Sente as ideias chegar e desaparecer como a chama de um fósforo numa noite ventosa. Sente-se observado com desconfiança. Escreve:

(Alguém bate à porta. O actor assusta-se e detém-se imóvel. Levanta-se e dirige-se à porta, mas não a abre. Espera que batam novamente, ou que alguém acuse a sua presença do outro lado. Nada acontece. O actor regressa para a mesa e escreve).

ACTOR *(escrevendo e lendo)*: Quem é?

(Olha para a porta. Ninguém responde. Volta a escrever, lendo o que escreve).

ACTOR: *(escrevendo e lendo)* Quem é?

(Olha para a porta. Levanta-se e caminha outra vez até lá. Abre a porta. Do outro lado não está ninguém. Fecha a porta. Volta a sentar-se. Já sentado, decide dar um gole na sua bebida. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. Escreve).

(Alguém bate novamente à porta. O actor assusta-se. Pára de escrever. Olha alternadamente para a porta e para o ecrã. Porta. Ecrã. Porta. Ecrã. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: O autor levanta-se.

(O actor levanta-se, mas mesmo levantado, continua a escrever e a ler o que escreve).

ACTOR: O autor caminha até à porta.

(O actor pega no portátil, levando-o consigo até à porta. Enquanto segura no portátil com uma mão, usa a outra para escrever).

ACTOR: A arte não é para ver com os olhos.

(Já na porta, o actor escreve, perguntando).

ACTOR: Quem é?

(Do outro lado, ninguém responde).

ACTOR: Do outro lado, ninguém responde.

(O actor escreve, perguntando outra vez).

ACTOR: Quem é?

(Do outro lado, ninguém responde. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: Do outro lado, ninguém responde. O autor abre a porta.

(O actor usa a mão com que escrevia para abrir a porta. Não vê ninguém. Escreve, lendo o que escreve).

ACTOR: O autor não vê ninguém.

(Fecha a porta. Continua a escrever, lendo o que escreve enquanto volta para a cadeira).

ACTOR: O autor volta a sentar-se.

(O actor senta-se. Continua a escrever e a ler).

ACTOR: O autor começa a ter medo. Sente as teclas escorregadias sob os dedos suados. Quer desistir de escrever. Julga que jamais será capaz de o fazer como antes. Não se sente seguro. Mas escrever, pensa, é a única coisa que lhe resta. Por isso, escreve: Querido actor. Antes de mais, obrigado por estares aí, desse lado. Sim, tu, que finges que escreves e lêes este texto que eu escrevi. É mesmo contigo que estou a falar. Isto não é uma nota. Antes que seja tarde, preciso que me oiças. Melhor, preciso que te oiças. Ouves-te bem? Se sim, acena com a cabeça.

(O actor pára de escrever. Olha à sua volta. Respira fundo. Acena que sim com a cabeça. Continua a escrever e a ler).

ACTOR: Não acredito. Acenaste mesmo? O autor pára de escrever. Solta uma longa gargalhada. Ri-se com os pulmões a chiar, como um velho desdentado. Ri-se muito. Ri-se tão alto que os cães da vizinhança começam a ladrar, indignados. Ri-se como se fosse a última vez. Recompõe-se a custo, ainda com a cara quente e os músculos da boca contraídos num sorriso incompleto. Volta a escrever: Querido actor, vou confiar em ti. Sinto-me ameaçado, perseguido, observado. Sempre que passeio pelo meu bairro, as crianças param e ficam a olhar para mim. Cochicham entre elas. Sabem coisas a meu respeito. Ouviram os seus pais e mães darem importância a rumores. Mesmo que esses rumores não fossem verdade, não me restaria muito mais a fazer. Andam por aí, à solta, entre olhares e sussurros. Mas ninguém é só uma coisa. Sei que me compreendes. E mesmo que não compreendas o que fiz, compreenderás o quão inevitável pode ser o peso da História sobre as acções dos homens. Estamos sempre a ser vigiados, por detrás da porta. Tenho palpitações, as minhas mãos tremem, sinto que a qualquer momento vou ter um ataque de pânico. Todos temos as nossas dores. O problema é quando só as sabemos manifestar causando mais dor. E porquê? Talvez porque o subconsciente é mais forte que o consciente. É por isso que escrevo. Porque algo me dói. Não é uma dor física. Nem sequer é uma dor deste tempo. É ancestral. É tóxica. Talvez tenham razão. Talvez sejamos todos inerentemente tóxicos, bárbaros, doentes. E há doenças que se descobrem tarde demais. Espero que para ti não seja tarde demais. Tens uma parceira, um parceiro. Possivelmente tens filhos. Talvez um pai que te fez detestar ser homem, pela maneira como tratava a tua mãe. Uma mãe que sempre te amou, apesar de tudo. Talvez hoje te revejas no teu pai.

(O actor pára de escrever. Cerra os punhos como se os fosse esmurrar contra a mesa. Respira fundo. Volta a escrever, lendo o que escreve).

ACTOR: São meras suposições. Com um fundamento estatístico considerável, ainda assim. A verdade é que não sei quem és. Também é verdade que não sei quem não és. Já tu sabes perfeitamente que eu sou. Um autor. Mas, como vês, não sou só um autor. Não sou uma figura distante que, de vez em quando, aluga um corpo flácido e uma postura desleixada para aparecer nas estreias das suas peças.

(O actor pára de escrever. Levanta-se e aproxima-se do vidro. Tenta ver para lá do seu reflexo. Não vê ninguém a não ser a sua própria imagem. Regressando à mesa, o actor muda a cadeira e o computador de sítio, de modo a ficar de costas para o vidro. Continua a escrever, lendo).

ACTOR: Não é a mim que estás a virar costas.

(O actor pára de escrever. Irritado, levanta-se, agarra na caneca e atira-a contra a parede oposta ao vidro. A caneca parte-se, molhando a mesa e o chão. Ainda de pé, volta a escrever no computador, lendo).

ACTOR: Estás a ser ridículo. Limpa, por favor, a merda que fizeste.

(O actor tira um lenço do bolso, que usa para limpar a mesa e o chão. Com o mesmo lenço, embrulha os cacos e coloca-os na mesa. Olha para a porta, depois para o computador, depois para o vidro. Volta a sentar-se. Respira fundo. Escreve, lendo).

ACTOR: O autor pára de escrever. Num gesto de raiva e desespero, levanta-se da cadeira, pega na caneca que está na mesa e atira-a contra a parede mais próxima. Ao vê-la estilhaçar-se, o autor lembra-se que ela lhe fora oferecida pelo filho, com quem não fala há cerca de um ano, altura em que se separou da mãe. Ao vê-la desfeita no chão, cai de joelhos e chora como um mau actor em topo de carreira. Está tudo acabado para o autor. Apercebe-se que vai passar o resto da sua vida sozinho. Encolhe-se no chão como um feto num livro de biologia e chora sobre o chá derramado, ou o café, ou a água. Chora. Chora. A voz de Nina Simone ecoa dentro da sua cabeça. Chora tanto que lhe falta o ar, o seu coração acelera, os braços ficam dormentes e sente uma dor lacerante no peito. Está a ter um ataque de pânico. Treme, com medo de morrer ali, sem acabar a sua última peça. Esforça-se por respirar, mas apenas lhe saem sopros ridículos de frustração. A muito custo, arrasta-se até à cadeira. Volta a sentar-se. Ofegante, escreve: Senhoras e senhores, a isto se chama um actor inteligente. Achas que me apanhaste de surpresa? Achas que me consegues calar? O autor pára de escrever. Não te quero calar. Quero que sofras. O autor escreve: Não achas que já sofri demasiado? O autor pára de escrever. Nenhum homem sofreu demasiado. O autor escreve: Tu precisas de mim. O autor pára de escrever. E tu precisas de te tratar. O autor escreve: O teu trabalho depende de mim. O autor pára de escrever. Sem mim ninguém te ouve. O autor escreve: Um actor não é mais que um cúmplice da desgraça do autor. O autor pára de escrever. Espero que sofras. O autor escreve: Achas que Shakespeare teria sido um assassino se não escrevesse sobre assassínios? O autor pára de escrever. Odeio Shakespeare. O autor escreve: Então odeias sessenta por cento do teatro que se fez nos últimos vinte anos. O autor pára de escrever. Desprezo homens como tu. O autor escreve: As melhores peças são escritas por homens como eu. O autor pára de escrever. Isto não é uma peça. O autor escreve: Escrever o momento em que partias a caneca contra a parede não foi fácil. O autor pára de escrever. Não estava escrito. O autor escreve: Tudo o que fazes está escrito. Tudo. O autor pára de escrever. Não. O autor escreve: Mas não te preocupes, está quase na hora de voltares a ser tu. O autor pára de escrever. Fui sempre eu. O autor escreve: Então como explicas a porta? O autor pára de escrever. Era uma marcação. O autor escreve: De quem? O autor pára de escrever. Do encenador. O autor escreve: Quem é o encenador? O autor pára de escrever.

(O actor pára de escrever. Leva as mãos à cabeça. Olha para a porta, depois para o ecrã. Volta a escrever, lendo).

ACTOR: Fui sempre eu. O autor escreve: Dentro de alguns dias, vais ouvir falar de mim. Não por causa da minha nova peça e não por causa da tua performance brilhante. Serei encontrado morto em casa. O meu nome será mencionado em podcasts sobre mortes misteriosas. Suicídio? Ajuste de contas? A

investigação durará alguns meses. Serás o último receptor da humanidade que me resta. Não espero que tenhas pena de mim. Quando entraste nesta sala o meu fim já estava escrito. Talvez não merecesse morrer. Talvez a justiça pudesse chegar de outra forma. Talvez nunca chegasse. Para muitos homens, a justiça nunca chega. Talvez eu merecesse ser perdoado, mas nunca como um acto de justiça. O perdão nunca libertou ninguém. No teatro fala-se muito em liberdade. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão, actores livres, liberdade criativa, processos horizontais... Mas tudo acontece aqui, em plena claustrofobia. Aqui, onde a humanidade se revê como uma massa disforme. Aqui, onde a solidão se transforma em poesia. Aqui, onde as cortinas são de ferro. Aqui, onde ninguém quer realmente ser livre. Não és livre. Nem quando sonhas. Nem agora, enquanto pensas atirar o computador contra uma parede manchada de chá, ou café, ou água. Nem agora, enquanto pensas parar simplesmente de escrever, pegar nas tuas coisas e ir embora. Este ainda não é o teu fim. Se achas que foste sempre tu, pára de escrever. Liberta-te de mim. Decide, apenas, acabar e eu calo-me para sempre. Pára de escrever. Podes fazê-lo. Dá-me a ordem e eu paro de escrever. Paramos os dois. Mas lembra-te que serás sempre o alvo da dor de alguém. Como Eunice Kathleen Waymon. Lembra-te de mim. O autor pára de escrever.

(O actor pára de escrever. Abre o navegador de internet, escreve “Nina Simone” no Google e encontra um link de um vídeo da cantora no festival de Montreux. Clica no link e o vídeo começa).

(Com a música a tocar, o actor abre novamente o documento de texto. Levanta-se e dirige-se à porta. Abre-a, olha para o computador, sai).

(O computador continua aberto sobre a mesa. Ouve-se o vídeo de Nina Simone a cantar “I wish I knew (how it feels to be free)”. O documento de texto continua aberto. A luz da camera Gesell começa a baixar e o som da música aumenta gradualmente. Do lado do público, aparece projectado no vidro o documento de texto. O público apercebe-se de que o texto continua a ser escrito, com todas as ações do actor depois de sair da sala.)

TEXTO PROJECTADO: O actor pára de escrever. Abre o navegador de internet, escreve “Nina Simone” no Google e encontra um link directo para um vídeo de uma actuação da cantora no festival de jazz de Montreux, em 1976. Clica no link e o vídeo começa. Depois de ouvir uns segundos da introdução da canção, o actor volta a abrir o documento de texto. Levanta-se e dirige-se à porta. Abre-a, olha para o computador, sai. O actor entra no camarim, passa a cara por água e fica a olhar-se ao espelho por uns momentos. Agarra na sua mochila, sai do camarim, sai do teatro, anda uns metros, vê um táxi a passar e eleva violentamente o braço, fazendo-lhe sinal para que pare, o táxi pára à sua frente, o actor entra no táxi, pede ao taxista que o leve para casa. Aproximando-se da sua rua, o actor pede ao taxista que pare. O actor paga ao taxista e sai do carro. Na rua da sua casa estão crianças a brincar. Ao passar por elas, elas cumprimentam-no, alegres. Ele cumprimenta-as de volta e continua o seu caminho. O actor entra em casa. Ao pousar as chaves, ouve o som de um piano a tocar e dirige-se ao escritório. Encostado à ombreira da porta, fica a observar a sua companheira, que ensaia para um concerto. Ela sorri, reparando na sua chegada. Ele sorri, fazendo-lhe sinal para que não pare de tocar. O actor dirige-se à cozinha, tira uma caneca do armário e serve-se de chá, ou café, ou água. De caneca na mão, o actor abre uma portada que dá para o jardim. No alpendre está uma mesa, e na mesa está um computador

portátil. O actor senta-se à mesa. Já sentado, decide dar um gole no seu chá, ou no seu café, ou na sua água. Depois de beber, repara na imagem desenhada na caneca. Subitamente, a sua expressão muda, indicando que acabou de ter uma ideia. O actor escreve: Fim.

...

FIM

ESTÁS A PUNTO DE VOLVER A SER TÚ

MARCO MENDONÇA

Traducción: JULIA TOM

Un actor está en una cámara Gesell, donde hay una mesa y una silla. El actor está sentado. Delante de él, una computadora abierta proyecta una luz blanca. Sobre la mesa también hay una taza blanca con una imagen. Dentro de la taza, una bebida a elección del actor.

El actor escribe y, mientras escribe, lee. Nota: no hace falta que esté escribiendo el texto de la obra, siempre y cuando pueda imitar la acción de forma creíble.

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* Buenas noches. Gracias por estar ahí, de ese lado. Voy a pedirles que imaginen algo simple. Un autor. Un autor sentado frente a una mesa. Puede ser una mesita de jardín, un escritorio, una mesa de cocina, da igual. Sobre la mesa hay una computadora. Por razones estéticas, la computadora no debe estar enchufada a una corriente eléctrica. No hay cables a la vista. Imaginen solo una mesa y una computadora. El autor está mirando la pantalla que proyecta una luz blanca. Su expresión no es de aburrimiento, ni de pereza, ni de entusiasmo. Está a la espera, nada más. Piensa en formas de comenzar. Busca una señal del inconsciente que le haga vibrar la punta de los dedos. Pasea por las calles de su imaginación tratando de encontrar el detalle insignificante que le servirá como impulso para una escritura decidida. Siente que las ideas llegan y desaparecen como la llama de un fósforo en una noche de viento.

(Golpean a la puerta de la sala del interrogatorio. El autor deja de escribir y espera, en silencio, a que alguien entre o se anuncie del otro lado. Espera. No tiene apuro).

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* Se oye el sonido del timbre. El autor se asusta y se queda inmóvil por unos segundos. Se levanta y se dirige a la puerta. “¿Quién es?”, pregunta. Nadie responde. “¿Quién es?”, pregunta nuevamente. Nuevamente, nadie responde. El autor abre la puerta. Rápidamente entiende por qué nadie respondió. Cierra la puerta y piensa, mientras vuelve a la mesa, “deben ser los hijos de los vecinos”. Una vez sentado, decide beber su té, o su café, o su agua. Después de beber,

nota la imagen en la taza. Su expresión cambia súbitamente, lo que indica que acaba de tener una idea. Comienza a escribir. Primero, escribe una didascalia. Está escribiendo una obra de teatro. Describe el escenario: un actor está solo en una sala. El público puede verlo pero él no puede ver al público. Debe haber una separación física entre el actor y los espectadores. Una pared de vidrio espejado del lado del actor y translúcido del lado del público. Hay una mesa y una silla, donde el actor está sentado. Tiene delante una computadora abierta, no importa la marca, siempre y cuando sea portátil, que proyecta una luz blanca sobre la parte superior de su cuerpo. En la mesa hay también una taza con una imagen. Dentro de la taza hay una bebida, a elección del actor. Quizás té, o café, o agua. El actor escribe y va leyendo lo que escribe. Nota para el director: no es necesario que el actor esté escribiendo exactamente el texto de la obra durante el espectáculo. Basta con que parezca creíble que lo está haciendo. Segunda nota para el director: no es necesario que el actor sepa el texto de memoria, ya que si su personaje va a estar leyendo lo que escribe, es suficiente con que imite los gestos de la escritura y no de la lectura. Es importante que el actor lea bien, pero aún más importante es que no dé a entender que el texto que está leyendo estaba escrito. Tercera nota para el director: si el actor decide animarse a memorizar el texto, tendrá también que escribirlo en tiempo real, para que la lectura parezca lo más virgen posible. Hay actores a los que les gusta este tipo de desafíos. Ver a un actor o a una actriz en el escenario fingiendo que lee algo por primera vez es una de las cosas más tristes. Podría fingir que escribe, pero eso también requiere trabajo. Es importante que el actor no sea perezoso. Nota final para el director: el actor no puede, de ninguna manera, ver al público. Es importante que se sienta solo. Pero el público podrá verlo todo el tiempo. El actor escribe y, a medida que escribe, va leyendo: Buenas noches. Gracias por estar ahí de ese lado. Voy a pedirles que imaginen algo simple. Un autor. Un autor sentado frente a una mesa. Nota para el actor: la enumeración de las posibilidades del espacio físico en el que se encuentra el autor es muy importante, para que cada espectador decida dónde quiere imaginarlo. Una mesita de jardín, un escritorio, una mesa de cocina... cualquier mesa. En esa mesa hay una computadora. La marca no importa siempre y cuando sea portátil y la batería aguante durante un tiempo razonable. Treinta minutos, digamos. Por razones estéticas, la computadora no debe estar enchufada. No hay cables a la vista. Imaginen solamente una mesa y una computadora. El autor está inmóvil mirando la pantalla que proyecta una luz blanca. Su expresión no es de aburrimiento ni de pereza ni de entusiasmo. Está a la espera, nada más. Piensa en formas de comenzar. Busca una señal del inconsciente que le haga vibrar la punta de los dedos. Mira alrededor. Observa los árboles del jardín, las paredes del escritorio bañadas de libros, los azulejos de la cocina. Siente que las ideas llegan y desaparecen como la llama de un fósforo en una noche de viento. Se siente observado, con desconfianza. Escribe:

(Golpean a la puerta. El actor se asusta y se queda inmóvil. Se levanta y se dirige a la puerta pero no la abre. Espera a que golpeen nuevamente o a que alguien se anuncie del otro lado. Nada sucede. El actor vuelve a la mesa y escribe.)

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* ¿Quién es?

(Mira hacia la puerta. Nadie responde. Vuelve a escribir y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: *(escribiendo y leyendo)* ¿Quién es?

como si acabara de domar a un toro, Nina Simone se pone de pie y levanta violentamente el brazo derecho exigiendo aplausos y respeto. La sala se llena de aplausos y silbidos. El video termina. El autor siente escalofríos a lo largo de la columna. Suena el timbre.

(Golpean nuevamente a la puerta. El actor se asusta. Deja de escribir. Mira alternadamente la puerta y la pantalla. Puerta. Pantalla. Puerta. Pantalla. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor se levanta.

(El actor se levanta, y así de pie, sigue escribiendo y leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor camina hasta la puerta.

(El actor toma la computadora, la lleva con él hasta la puerta. Con una mano sostiene la computadora mientras usa la otra para escribir).

ACTOR: El arte no es para verlo con los ojos.

(En la puerta, el actor escribe y pregunta).

ACTOR: ¿Quién es?

(Del otro lado nadie responde).

ACTOR: Del otro lado nadie responde.

(El actor escribe preguntando, otra vez).

ACTOR: ¿Quién es?

(Del otro lado nadie responde. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: Del otro lado nadie responde. El autor abre la puerta.

(El actor usa la mano con la que escribía para abrir la puerta. No ve a nadie. Escribe y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: El autor no ve a nadie.

(Cierra la puerta. Sigue escribiendo y leyendo lo que escribe mientras vuelve a su silla).

ACTOR: El autor vuelve a sentarse.

(El actor se sienta. Sigue escribiendo y leyendo).

ACTOR: El autor empieza a tener miedo. Siente las teclas resbalosas bajo los dedos transpirados. Quiere dejar de escribir. Cree que nunca será capaz de hacerlo como antes. No se siente seguro. Pero escribir, piensa, es lo único que le queda. Por eso escribe: Querido actor, antes que nada, gracias por estar ahí, de ese lado. Sí, tú, que finges que escribes y lees este texto que escribí. Estoy hablando contigo. No se trata de una nota. Antes de que sea tarde, necesito que me escuches. O mejor, necesito que te escuches. ¿Te escuchas bien? Si es así, asiente con la cabeza.

(El actor deja de escribir. Mira alrededor. Respira hondo. Asiente con la cabeza. Sigue escribiendo y leyendo).

ACTOR: No puedo creerlo. ¿En serio dijiste que sí? El autor deja de escribir. Larga una carcajada. Le chillan los pulmones, como a un viejo sin dientes. Se ríe mucho. Se ríe tan alto que los perros del barrio se ponen a ladrar, indignados. Se ríe como si fuera la última vez. Se recompone con dificultad, tiene la cara caliente y los músculos de la boca siguen contraídos en una sonrisa incompleta. Vuelve a escribir: Querido actor, voy a confiar en ti. Me siento amenazado, perseguido, observado. Siempre que paseo por el barrio los niños se detienen y me miran fijo. Murmuran entre ellos. Saben cosas sobre mí. Oyeron que sus padres y madres creían en los rumores. Aun cuando estos rumores no sean verdad, no me quedaría mucho por hacer. Andan por ahí, sueltos, entre miradas y cuchicheos. Pero nadie es una cosa solamente. Sé que me comprendes. Y aunque no comprendas lo que hice, comprenderás lo inevitable que puede ser el peso de la Historia sobre las acciones de los hombres. Nos vigilan siempre, tras la puerta. Tengo palpitaciones, me tiemblan las manos, siento que en cualquier momento me dará un ataque de pánico. Todos tenemos nuestros dolores. El problema es cuando solo sabemos manifestarlos causando más dolor. ¿Y por qué? Quizás el inconsciente sea más fuerte que el consciente. Por eso escribo. Porque algo me duele. No es un dolor físico. Ni siquiera es un dolor de ahora. Es ancestral. Es tóxico. Quizás tengan razón. Quizás todos seamos inherentemente tóxicos, bárbaros, enfermos. Y hay enfermedades que se descubren demasiado tarde. Espero que no sea demasiado tarde para ti. Tienes una compañera, un compañero. Posiblemente tienes hijos. Tal vez un padre que te haga detestar ser hombre por la manera en la que trataba a tu madre. Una madre que siempre te amó, a pesar de todo. Quizás hoy te veas en tu padre.

(El actor deja de escribir. Cierra los puños como si fuera a golpear la mesa. Respira hondo. Vuelve a escribir y va leyendo lo que escribe).

ACTOR: Son meras suposiciones. Con una base estadística considerable, pero igual. La verdad es que no sé quién eres. También es verdad que no sé quién no eres. Sin embargo, tú sabes perfectamente lo que soy. Un autor. Pero, como ves, no soy solo un autor. No soy una figura distante que, de vez en cuando, alquila un cuerpo flácido y encorvado para aparecer en los estrenos de sus obras.

(El actor deja de escribir. Se levanta y se acerca al vidrio. Trata de ver más allá de su reflejo. No ve a nadie más que a su propia imagen. De regreso a la mesa, el actor cambia de lugar la silla y la computadora, de modo que queden de espaldas al vidrio. Sigue escribiendo, leyendo).

ACTOR: No es a mí a quien le das la espalda.

(El actor deja de escribir. Irritado, se levanta, toma la taza y la arroja contra la pared opuesta al vidrio. La taza se parte, moja la mesa y el piso. Todavía de pie, vuelve a escribir en la computadora y va leyendo).

ACTOR: Estás siendo ridículo. Limpia, por favor, la cagada que hiciste.

(El actor saca un pañuelo del bolsillo y lo usa para limpiar la mesa y el piso. Con el mismo pañuelo, envuelve los pedazos de la taza y los pone sobre la mesa. Mira la puerta, después la computadora, después el vidrio. Vuelve a sentarse. Respira hondo. Escribe y va leyendo).

ACTOR: El autor deja de escribir. En un gesto de rabia y desesperación, se levanta de la silla, toma la taza que está en la mesa y la arroja contra la pared más cercana. Mientras ve que se hace pedazos, el autor recuerda que fue su hijo quien se la dio, con quien no habla hace casi un año, cuando se separó de la madre. Al verla rota en el piso, cae de rodillas y llora como un mal actor en la cima de su carrera. Todo acabó para el autor. Se da cuenta de que va a pasar el resto de su vida solo. Se encoge en el piso como un feto en un libro de biología y llora sobre el té derramado, o el café, o el agua. Lloro. Lloro. La voz de Nina Simone retumba en su cabeza. Lloro tanto que le falta el aire, se le acelera el corazón, se le duermen los brazos y siente un dolor desgarrador en el pecho. Está teniendo un ataque de pánico. Tiembla con miedo de morir ahí, sin terminar su última obra. Se esfuerza por respirar, pero solo exhala soplos ridículos de frustración. Con mucha dificultad, se arrastra hasta la silla. Vuelve a sentarse. Jadeando, escribe: Señoras y señores, esto se llama un actor inteligente. ¿Crees que me tomaste por sorpresa? ¿Crees que puedes callarme? El autor deja de escribir. No quiero callarte. Quiero que sufras. El autor escribe: ¿No crees que ya sufrí demasiado? El autor deja de escribir. Ningún hombre sufrió demasiado. El autor escribe: Me necesitas. El autor deja de escribir. Y tú necesitas tratamiento. El autor escribe: Tu trabajo depende de mí. El autor deja de escribir. Sin mí nadie te oye. El autor escribe: Un actor no es más que un cómplice de la desgracia del autor. El autor deja de escribir. Espero que sufras. El autor escribe: ¿Crees que Shakespeare habría sido un asesino si no hubiera escrito sobre asesinatos? El autor deja de escribir. Odio a Shakespeare. El autor escribe: Entonces odias al sesenta por ciento del teatro que se hizo en los últimos veinte años. El autor deja de escribir. Desprecio a los hombres como tú. El autor escribe: Las mejores obras son escritas por hombres como yo. El autor deja de escribir. Esto no es una obra. El autor escribe: Escribir el momento en que rompías la taza contra la pared no fue fácil. El autor deja de escribir. No estaba escrito. El autor escribe: Todo lo que haces está escrito. Todo. El autor deja de escribir. No. El autor escribe: Pero no te preocupes, estás a punto de volver a ser tú. El autor deja de escribir. Siempre fui yo. El autor escribe: ¿Cómo explicas la puerta, entonces? El autor deja de escribir. Era una indicación. El autor escribe: ¿De quién? El autor deja de escribir. Del director. El autor escribe: ¿Quién es el director? El autor deja de escribir.

(El actor deja de escribir. Se lleva las manos a la cabeza. Mira la puerta, después la pantalla. Vuelve a escribir mientras va leyendo).

ACTOR: Siempre fui yo. El autor escribe: Dentro de algunos días oirás hablar de mí. No por mi nueva obra ni por tu brillante actuación. Me encontrarán muerto en casa. Mencionarán mi nombre en esos podcasts sobre muertes misteriosas. ¿Suicidio? ¿Ajuste de cuentas? La investigación durará algunos meses. Serás el último receptor de la humanidad que me queda. No espero que me tengas pena. Cuando entraste en esta sala mi fin ya estaba escrito. Quizás no merezca morir. Quizás la justicia pueda llegar de otra forma. Quizás nunca llegue. Para muchos hombres, la justicia nunca llega. Quizás merezca ser perdonado, pero nunca como un acto de justicia. El perdón nunca liberó a nadie. En el teatro se habla mucho de libertad. Libertad de pensamiento, libertad de expresión, actores libres, libertad creativa, procesos horizontales... pero todo sucede aquí, en plena claustrofobia. Aquí, donde la humanidad se ve a sí misma como una masa sin forma. Aquí donde la soledad se transforma en poesía. Aquí donde las cortinas son de hierro. Aquí donde nadie quiere realmente ser libre. No eres libre. Ni cuando sueñas. Ni siquiera ahora, mientras piensas lanzar la computadora contra una pared manchada de té, o café, o agua. Ni siquiera ahora, mientras piensas dejar simplemente de escribir, recoger tus cosas e irte. Este aún no es tu fin. Si crees que siempre fuiste tú, deja de escribir. Libérate de mí. Decide, simplemente, terminar y yo me callo para siempre. Deja de escribir. Puedes hacerlo. Dame la orden y dejo de escribir. Dejamos los dos. Pero recuerda que serás siempre la causa del dolor de alguien. Como Eunice Kathleen Waymon. Recuérdame. El autor deja de escribir.

(El actor deja de escribir. Abre el navegador de internet, escribe "Nina Simone" en Google y encuentra el link a un video de la cantante en el festival de Montreux. Clickea en el link y empieza el video).

(Mientras suena la canción, el actor abre nuevamente el archivo de texto. Se levanta y se dirige a la puerta. La abre, mira la computadora, sale).

(La computadora sigue abierta sobre la mesa. Se oye el video de Nina Simone cantando "I wish I knew - how it feels to be free". El archivo sigue abierto. La luz de la cámara Gesell empieza a bajar y el sonido de la música aumenta gradualmente. Del lado del público aparece el texto del archivo proyectado en el vidrio. El público ve que el texto sigue siendo escrito y cuenta lo que hace el actor después de salir de la sala.)

TEXTO PROYECTADO: El actor deja de escribir. Abre el navegador de internet, escribe "Nina Simone" en Google y encuentra un link directo a un video de una presentación de la cantante en el festival de jazz de Montreux, en 1976. Clickea en el link y empieza el video. Después de oír unos segundos de la introducción de la canción, el actor vuelve a abrir el archivo de texto. Se levanta y se dirige a la puerta. La abre, mira la computadora, sale. El actor entra en el camarín, se moja la cara con agua y se queda mirándose en el espejo un momento. Toma la mochila, sale del camarín, sale del teatro, camina unos metros, ve un taxi que pasa y levanta violentamente el brazo, haciéndole señas para que pare. El taxi para, el actor entra, le pide al taxista que lo lleve a casa. Cerca de su dirección, el actor le pide que pare. El actor paga y sale del taxi. En la calle de su casa hay niños jugando. Al pasar cerca de ellos, lo saludan, alegres. Él los saluda de vuelta y sigue su camino. El actor entra en su casa. Al dejar las llaves, oye el sonido de un piano y se dirige al escritorio. Apoyado en el marco de la puerta, se pone a mirar a su compañera que ensaya para un concierto. Ella sonrío cuando se da cuenta de su llegada. Él sonrío y le hace señas de que no deje de tocar. El actor va a la cocina, saca una taza del armario y se sirve té, o café,

o agua. Con la taza en la mano, el actor abre una puerta que da al jardín. En la galería hay una mesa, y en la mesa hay una computadora portátil. El actor se sienta frente a ella. Una vez sentado, decide beber su té, o su café, o su agua. Después de beber, nota la imagen dibujada en la taza. Su expresión cambia súbitamente, lo que indica que acaba de tener una idea. El actor escribe: Fin.

...

FIN